



EUGÊNIA GRANDET: A TRISTE HISTÓRIA DE UMA MULHER INAUGURAL

Rafael Chaves Martins¹

Resumo

O presente artigo trata-se de uma análise da obra *Eugênia Grandet*, de Honoré de Balzac, focalizando nas características do Realismo presente nessa obra, que é a precursora dessa escola literária. Escrita ainda no período do Romantismo, essa obra é precursora na abordagem realista. Elementos como o tempo e o espaço, além da apresentação das personagens, são construídos de forma inovadora por Balzac. Por fim, faremos um pequeno paralelo entre a obra em questão com duas outras, *Senhora*, de José de Alencar, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, observando em como as personagens títulos desenvolvem suas tramas.

Palavras-chave: Literatura. *Eugênia Grandet*. Realismo e Romantismo.

1 Introdução

Neste artigo analisaremos *Eugênia Grandet*, de Honoré de Balzac, localizando as características estilísticas do Realismo nessa obra, que é precursora dessa escola literária que só viria a se firmar anos mais tarde. Verificaremos ainda a importância de Balzac e sua bibliografia para a literatura universal, fazendo um paralelo entre o livro objeto de análise nesse trabalho e sua influência sobre os autores Gustave Flaubert e José de Alencar.

Para isso dividimos o trabalho em três partes. Na primeira o tema é a relação existente entre Balzac e o Realismo, pois sua obra é considerada de transição entre a escola romântica e a realista, lançando as bases do que viria a ser essa nova escola literária. Analisaremos ainda o Realismo, seu contexto histórico, as correntes filosóficas em que ele se baseia, e suas características estilísticas e filosóficas. Com base nessa pesquisa, na segunda parte, faremos uma análise da obra *Eugênia Grandet*, destacando as características realistas constantes na obra lançada em pleno romantismo, focando sua análise no tempo, no espaço e nas personagens. Na terceira e última parte, mostraremos a importância da obra de Balzac, fazendo uma comparação entre a obra objeto de análise nesse trabalho e as obras *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, marco inicial do Realismo, e *Senhora*, do autor romântico brasileiro José de Alencar, demonstrando que *Eugênia Grandet* exerceu uma grande influência sobre as demais obras, sejam elas românticas ou realistas.

¹ Acadêmico do curso de Letras da FAPA, orientado pela Prof^ª Mara Ferreira Jardim na disciplina de Introdução à História da Literatura Ocidental II. E-mail: rafael.marves@hotmail.com.

2 Balzac e o Realismo

Embora tenha vivido numa época em que o Romantismo era quem ditava as regras na literatura mundial, Honoré de Balzac (1799-1850) foi o escritor que lançou as bases para o Realismo, que encontrou o seu apogeu com a publicação da obra de Flaubert.

Conforme Schilling (s.d.), Balzac é considerado o pai do romance moderno, pois ao dar formas e vida aos dramas da burguesia e do povo, ele democratizou a tragédia. Não apenas os nobres, com seu sangue real e divino, têm direito ao drama. A partir de Balzac qualquer homem sofre. Até então a população somente era vista nas comédias, e sempre de forma caricata – cômica ou desprezível –, agora todos têm suas tragédias interiores expostas. Carpeaux (1982, p. 1397-1398) enfatiza a importância de Balzac ao defini-lo como o pai do romance como gênero literário, pois após ele o termo romance mudou de sentido: “Antes de Balzac, ‘romance’ fora a relação de uma história extraordinária, ‘romanesca’, fora do comum. Depois, será o espelho do nosso mundo, dos nossos países, das nossas cidades, e ruas, das nossas casas, dos dramas que se passam em nossos apartamentos e quartos.”

O projeto de Balzac era criar um vasto quadro retratando a vida burguesa. O autor publicou vários títulos em uma série chamada *A comédia humana*, em que inúmeros personagens se encontram em diferentes obras, dando a ideia de que cada obra é na verdade um episódio de algo maior, embora cada título seja um universo desbravado. O autor dividiu sua grande obra em subséries: cenas da vida privada, cenas da vida provinciana, cenas da vida parisiense, cenas da vida militar, estudos filosóficos e estudos analíticos. Nas palavras de Schilling [s. d.], “Nela o mundo moderno inteiro se faz presente. Lá está o banqueiro, o negociante, o libertino, o inventor, o gráfico, o poeta, o jornalista, o médico, a cortesã, o funcionário, o advogado, gente nobre e o povo comum.” Carpeaux reforça essa visão (1982, p. 1400):

[...] ele tem uma visão global da sociedade burguesa, decompondo essa visão até resultarem monografias de tamanho reduzido [...] A própria composição da *Comédie humaine* explica-se assim: depois de ter escrito certo número de romances, Balzac reuniu-os conforme um sistema de estática sociológica e começou a escrever mais romances sociais para ocupar os lugares ainda vazios do esquema.

Balzac era um homem que desacreditava no ser humano. Em sua *Comédia Humana*, além de criticar veementemente a sociedade da época, o escritor parece desacreditar o ser humano ao ressaltar as baixezas, suas falhas de caráter, sua ambição desmedida. Temas como a avareza, a corrupção, a luxúria, a ignorância, a ambição, a vaidade, o orgulho permeiam suas obras. Em Balzac, as mulheres “são substantivos no texto do contrato de casamento, ou então objetos do prazer, tentações e obstáculos do homem de negócios, motivo de falências” (CARPEAUX, 1982, p. 1398). Carpeaux ainda diz que “Em Balzac, as

ambições revelam direção nítida: [...] o dinheiro”, ou seja, “a *Comédia Humana* é a ‘tragédia do dinheiro”.

A prosa de Balzac é econômica, seus romances são curtos, nele há uma visão global da sociedade. Seus personagens são seres caracteristicamente humanos, e assim representam setores da sociedade que compõe. Dinheiro, ambição, poder, paixões, prazer, esses são os temas que permeiam a obra de Balzac (CARPEAUX, 1982, p. 1398-1400).

Alguns elementos que viriam a caracterizar uma obra realista são encontrados na literatura de Balzac, como a necessidade de retratar a condição atual da vida burguesa. Na *Comédia Humana* a sociedade é a personagem principal. Essa preocupação em relatar o tempo presente é uma das principais características do Realismo. Outra característica marcante é a descrição detalhista e pormenorizada do espaço; a cidade, as ruas, as casas, as roupas, os objetos dispostos no cenário, tudo em perfeita harmonia com caráter e a índole dos personagens. Nada sobra, tudo tem sua importância de existir. Em um romance Realista esses detalhes são fundamentais na construção de um personagem.

2.1 Realismo: a burguesia consolida-se na literatura

Recebe o nome de Realismo a corrente artística surgida na segunda metade do século XIX com a publicação de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em 1857, considerada a sua pedra fundamental. Entretanto, já existiam autores produzindo em pleno romantismo obras com características realistas – como o já citado, e objeto de estudo nesse trabalho, Balzac – além de Jane Austen, Charles Dickens ou Vitor Hugo. Essa corrente viria a reinar quase que absoluta até o surgimento de uma nova corrente, o Simbolismo, no final do século XIX.

Antes de teorizar sobre o que foi o Realismo, é necessário explicar em que contexto ele surgiu, quais eram as ideias, as teorias, os ideais que circulavam pela Europa durante o século XIX. Nessa época as correntes do pensamento humano que reinam na Europa são o Positivismo, o Evolucionismo e o Determinismo.

O inglês Charles Darwin em seus estudos, desenvolvidos no século XIX, descobriu a partir do método de observação que os seres vivos sofrem processos de mutação conforme o ambiente em que vivem. Ou seja, os seres vivos se adaptam ao lugar, ao tempo e as condições em que vivem. Essa corrente do pensamento recebeu o nome de Evolucionismo, e determina que o ser vivo é um ser mutável, e que com o objetivo de sobreviver se molda ao seu ambiente, geração após geração.

Determinismo é a doutrina que afirma que o homem é fruto do meio em que vive. Ele não tem vontade, escolhas ou liberdade além do que o ambiente em que está inserido permite. O caráter de um homem é o reflexo do seu meio; ele faz exatamente aquilo deve

fazer e não outra coisa; a determinação dos seus atos está diretamente ligado a influências internas e externas do seu ambiente. É o oposto ao livre-arbítrio, visto que o indivíduo não tem liberdade além do contexto em que está inserido. De acordo com essa teoria, o comportamento humano está condicionado a três fatores: a genética, o meio e o momento.

A filosofia positivista acredita que a explicação dos fenômenos naturais provenha do princípio que é necessário conhecer a sociedade para saber o que acontecerá a partir de nossas ações, para que o seu humano possa melhorar a sua realidade. Inspirado pelo progresso das ciências biológicas e fisiológicas, tenta-se com essa doutrina aplicar os mesmos métodos na filosofia, com o intuito de resolver os problemas da humanidade. Augusto Comte, seu fundador, pregava o uso do método científico na solução dos problemas sociais. No positivismo abandona-se Deus e a natureza como o objeto de explicação para os fenômenos, passa-se a observar, a experimentar, a comparar, a nomear. A linha de pensamento positiva é sintetizada em sete palavras: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico e simpático.

Segundo D'Onofrio (2007), com a Revolução Industrial, as ciências naturais e as tecnologias sofreram uma forte evolução, fazendo com que: "o homem pudesse resolver todos os problemas existenciais e sociais pelo descobrimento das causas biopsíquicas (raça), dos condicionamentos ambientais (meio) e das determinações temporais (momento histórico)." (2007, p. 377). Na literatura realista, há uma preocupação em que os personagens e o enredo estejam submetidos às leis naturais, muito em voga na época. Abre-se a caixa de pandora da vida pública e a da vida privada, e nelas o autor trabalha como um cientista, observando, catalogando, descrevendo, impessoalmente e objetivamente, seus costumes e hábitos. A descrição detalhada do local, de seus trajes, de seus trejeitos; a escolha do nome; tudo isso é fundamental na construção da narrativa. (BOSI, 2006).

Dentre seus princípios estéticos e ideológicos, D'Onofrio (2007) destaca: a verossimilhança, em que o mundo é descrito da forma mais real possível, sem lugar para oculto, ou para uma idealização; a moralização, em que não basta retratar, é necessário compreender, explicar o homem, através do determinismo e do comportamentalismo; a contemporaneidade, em que o tempo presente, a realidade observada pelo autor é a retratada – o herói realista não é o nobre clássico, e sim o homem comum, que vive nos cortiços, nas minas, nas fábricas, na cidade, em conflito; a descrição do ambiente, do espaço e da origem hereditária do personagem, uma vez que, ao contrário da concepção clássica, na visão realista é isso o que determina as ações e o caráter do personagem. Essa descrição é minuciosa e detalhada, pois um traje, um objeto ou um nome são fundamentais na construção do caráter do personagem; e por fim, e com não menor importância, a preocupação com a forma, as obras dessa escola eram escritas para serem lidas pelas

camadas sociais mais baixas, por isso sua linguagem é simples, respeitando as normas gramaticais e sintáticas, valendo-se dos gêneros mais consumidos pela população – o conto e o romance.

Uma das grandes inovações da escola realista é o discurso indireto livre, quando o narrador “entra” na mente do personagem, e passa a “falar” através do seu discurso. (LOPES; REIS, 1988, p. 276-277).

Talvez as principais características do Realismo, e que usaremos nesse trabalho como referencial para a análise de *Eugênia Grandet*, sejam a preocupação em relatar o tempo presente e a descrição minuciosa do espaço em que se encontra a trama. O autor Realista tem a missão de contar a história da época em que vive, aqui não cabe privilegiar o passado, ou especular sobre o futuro. É a vida presente, o tempo presente que deve ser observado, analisado e teorizado. Por isso a preocupação com o espaço. Um cientista precisa observar para poder diagnosticar, não é diferente na literatura realista. Descreve-se com riqueza de detalhes; reconstrói-se com fidelidade o universo dos personagens, pois sem esse contexto não é possível julgá-las. Um personagem é reflexo do seu tempo e do lugar em que está inserida. Sem esses elementos não há personagem, e sem personagem não há história.

3 Dissecando o universo dos Grandet

Como já foi mencionado nos capítulos anteriores, já é sabido que a obra de Balzac traz característica do que viria a ser a corrente literária do Realismo. Nesse capítulo iremos localizar no texto de *Eugênia Grandet* esses elementos.

A obra *Eugênia Grandet* conta a história de uma doce e inocente moça provinciana, que se vê dividida entre o amor e o destino. Aqui já há uma característica do Realismo, pois a protagonista não consegue se desvencilhar desse determinismo, e termina o livro rica, só e vivendo como uma avarenta – uma legítima Grandet. Eugênia não consegue se livrar de sua herança – tanto a financeira quanto a genética. *Eugênia Grandet* é “o romance da província francesa” (ORLANDI, 1972, p. 37), e nessa trama a província é que determina a sociedade em que ela se desenvolve.

3.1 Onde, quando e como?

Uma das características marcantes de literatura realista é a preocupação da descrição minuciosa do local e a localização no tempo, sempre o tempo atual. Como um cirurgião, o autor realista realiza uma incisão na sociedade, e a observa como em um experimento científico.

A obra inicia-se com a descrição pormenorizada da cidade de Saumur. Como uma câmera de cinema o narrador vai enfocando a cidade, suas ruas, suas casas até chegar a

personagem do Senhor Grandet. “Depois de seguirmos as curvas daquele caminho pitoresco, em que cada pequeno acidente desperta lembranças, em que a impressão geral tem o efeito de fazer mergulhar numa espécie de devaneio maquinal, distinguimos uma reentrância escura, em cujo centro se esconde a porta da casa do senhor Grandet.” (BALZAC, 2006, p. 22). Não é a toa que a porta da casa dos Grandet se encontra em uma reentrância escura. Isso é um reflexo da avareza do Sr. Grandet. Há, a partir daí, um retrospecto da história dos Grandet, com riqueza de detalhes e datas importantes, e a apresentação das personagens que compõem a trama, descrição essa pormenorizada, funcionando como uma localização de onde a trama irá se desenrolar.

Mais adiante na história encontramos uma descrição ainda mais rica da residência dos Grandet:

Agora é fácil entender todo o significado das palavras: a casa do senhor Grandet, casa sem cor, fria, silenciosa, situada na cidade alta e protegida pelas ruínas das muralhas [...]. A porta, de carvalho maciço, castanha, ressecada, com fendas por todo lado de aparência frágil, era solidamente sustentada pelo seu sistema de tachões que representavam desenhos simétricos. [...] Pela gradezinha, destinada ao reconhecimento dos amigos nos tempos das guerras civis, os curiosos podiam perceber, no fundo de uma abóbada escura e esverdeada, alguns degraus deteriorados pelos quais se subiam para um jardim pitorescamente delimitados por paredes espessas, úmidas, cheias de limo e tufo de arbustos mirrados. (BALZAC, 2006, p. 33-34).

A história inicia-se em 1819, no aniversário de Eugênia, quando o Sr. Grandet oferece um jantar à nata da comunidade de Saumur, ou seja, as famílias Des Grassins e Cruchots. Essas duas famílias apresentam dois pretendentes à mão de Eugênia, que a esse momento já é a herdeira de “cinco a seis milhões” (BALZAC, 2006, p. 27).

A obra está repleta de referências históricas, como no seguinte trecho (Balzac, 2006, p. 23): “[...] em 1789 era um mestre toneleiro bastante remediado, que sabia ler, escrever e contar. Assim que a República Francesa [...] acabava de se casar com a filha de um rico comerciante de aduelas. Munido de sua fortuna líquida e do dote [...]”. Além da citação à Revolução Francesa, há também a citação de personagens históricos que reforçam a necessidade realista de situar sua história dentro do atual contexto em que se encontra. Assim, Balzac (2006, p. 23) cita: “Napoleão não gostava de republicanos: substituiu o Sr. Grandet, que diziam ter usado o barrete vermelho, por um grande proprietário, por um homem que tinha um de no nome.” Há outras referências menores, que demonstram a necessidade da importância dos menores detalhes, como uma eleição geral que ocorreu em 1830: “Esperou impacientemente a reeleição geral para ter um assento na câmara dos deputados.” (BALZAC, 2006, p. 217).

3.2 Os azulejos desse mosaico

As personagens em *Eugênia Grandet* são tipicamente realistas. Já na apresentação, no início do livro, essa característica fica latente, quando à descrição do ambiente e a localização do tempo se misturam a descrição pormenorizada dos personagens, mostrando o reflexo que o meio e o tempo exercem sobre o caráter dos personagens.

Embora o título da obra seja *Eugênia Grandet*, iniciaremos essa análise pelo personagem que é o mais importante da obra. É através dele que os acontecimentos são desenvolvidos, e ele é o responsável direto pela situação inicial e o desfecho da trama – o Sr. Grandet. Félix Grandet, o toneleiro, é um homem extremamente avarento, que tem uma preocupação na vida: acumular riqueza. Homem alto, de ombros largos e nariz grosso na ponta, faria inveja às figuras sovinas de Scrooge e Euclião². A outra preocupação dele é a filha, Eugênia. Mas não se deixem levar pelo sentimentalismo, ela é a herdeira dos Grandet, e só por isso que o pai a trás com mãos de ferro. Lembremos que Eugênia só é perdoada pelo pai, quando este descobre que a jovem entregou seu baú de tesouro ao primo, pois a esposa está enferma na cama, e, no caso do seu falecimento, Grandet teria que entregar a herança à filha. É esse o conselho que Grandet recebe do Mestre Cruchots (BALZAC, 2006, p. 179-180), “Mas pense em que situação você ficaria perante sua filha, se a Sra. Grandet morresse. Precisaria prestar contas a Eugênia, porque está casado em comunhão de bens. Sua filha terá o direito de exigir a partilha de sua fortuna [...]”.

Outra situação em que fica explícita a ganância do Sr. Grandet é quando este recebe a visita do sobrinho Carlos, filho do seu irmão de Paris. Após receber a notícia do suicídio do irmão, de constatar a desgraça que cairia sobre o sobrinho, e de perceber o despreparo do mesmo para os acontecimentos que estariam por vir, a reação do toneleiro é a seguinte: “Olhou para o sobrinho com um jeito humilde e tímido, sob o qual escondia suas emoções e seus cálculos.” (BALZAC, 2006, p. 64, grifo nosso). Após acomodar o sobrinho, e enquanto todos da casa se recolhiam para seus aposentos, Grandet reflete sobre os últimos acontecimentos (BALZAC, 2006, p. 72), “Que ideia esquisita a de meu irmão, legar-me o filho. Bela herança! Não tenho vinte escudos para dar.” O vinhateiro convence o sobrinho a partir para as Índias para fazer fortuna, com a promessa de cuidar da liquidação das dívidas do pai.

A figura de Grandet é fundamental para o destino de Eugênia. Que outro destino seria possível a ela tendo um pai como esse, além de uma enorme fortuna e a mais completa solidão? Os momentos finais de Grandet dizem bem o seu caráter: “Quando o padre aproximou de seus lábios o crucifixo de vermeil, para que ele o beijasse, Grandet fez um movimento medonho para agarrá-lo [...]”; e em suas palavras finais, quando se dirige a

² Personagens avarentos da literatura universal. Scrooge, em *Um conto de natal*, de Charles Dickens, e Euclião, em *Aululária*, de Plauto.

Eugênia: “Cuide bem de tudo. Vai me prestar contas no outro mundo”. (BALZAC, 2006, p. 192).

Quem é essa jovem herdeira do legado de um homem extremamente avarento? Eugênia é uma moça doce, inocente, reclusa, que ignora o estado de penúria em que vive com a mãe, e, principalmente, ignora a real fortuna de seu pai. Como qualquer jovem herdeira em idade de se casar, Eugênia sofre forte assédio por parte dos dois melhores pretendentes de Saumur. Mas é pela figura frágil, refinada, requintada, do primo Carlos, que ela se apaixona; figura essa que não há outra igual em sua cidade, e que lhe desperta os mais nobres sentimentos, além de uma coragem até então desconhecida. Através do amor por Carlos, Eugênia começa a tomar alguma consciência da sua condição. “Pela primeira vez, sentiu terror quando viu o pai, percebeu nele o senhor de seu destino e acreditou-se em pecado por lhe ter escondido alguns pensamentos.” (BALZAC, 2006, p. 77). Eugênia possuía algumas moedas e jóias, que ficavam num pequeno baú, presentes de seu pai, e que em ocasiões como o ano-novo e o aniversário ela lhe mostrava. Na ocasião da despedida de Carlos, e antevendo as dificuldades encontradas pelo primo e amado, Eugênia entrega sua pequena fortuna em nome desse amor. Ela tem a plena noção do que isso lhe acarretará, mas não poupa esforços para fazer a felicidade do primo. Ação que mais tarde se repetirá na obra, e que representa os únicos arroubos cometidos por Eugênia, os únicos momentos em que ela consegue se desvencilhar de seu destino. Mas como já foi dito, são apenas momentos, Eugênia não pode percorrer trajetos diferentes dos traçados pelo seu pai.

A segunda desmedida de Eugênia ocorre já em sua maturidade, longe da presença marcante do pai. Ao tomar conhecimento do retorno de Carlos, de que ele a esqueceu e planeja casar-se com uma jovem feia, porém rica, e de que seus planos estão prestes a ser desfeitos por causa das dívidas herdadas pelo seu pai, Eugênia pede que o Sr. Cruchots de Bonfons quite toda a dívida do primo, para que ele seja feliz, e em troca aceita casar-se com o juiz. Termina a carta que endereça à Carlos com as seguintes frases: “Seja feliz, segundo as convenções sociais pelas quais sacrifica o nosso primeiro amor. Para tornar completa a sua felicidade, só posso oferecer-lhe a honra de seu pai. Adeus, terá sempre uma amiga fiel nesta sua prima.” (BALZAC, 2006, p. 215).

Após a morte de Grandet, o autor define bem como foi a vida de Eugênia (BALZAC, 2006, p. 194-195):

Aos trinta anos, Eugênia ainda não conhecia nenhuma das felicidades da vida. Sua infância pálida e triste transcorrerá aos pés de uma mãe cujo coração, ignorado e espezinhado, sempre sofrera. Ao deixar a vida com alegria, aquela mãe lastimou a filha por ter de viver, deixando-lhe na alma ligeiros remorsos e eternas saudades. O primeiro e único amor de Eugênia era-lhe motivo de melancolia. Depois de entrever o bem-amado durante alguns dias, entregara a ele o coração entre dois beijos furtivamente dados

e recebidos; depois ele partira, pondo um mundo inteiro entre os dois. Aquele amor, amaldiçoado pelo pai, quase lhe custara a mãe e só lhe dava dores misturadas a débeis esperanças. Assim, até aquele momento, ela correrá em direção à felicidade, perdendo forças, sem as recobrar.

O final de Eugênia já é esperado – solitária, tendo ao lado apenas Nanon, viúva de um casamento arranjado, vivendo na mesma casa que cresceu, cultivando os mesmos hábitos aprendidos com o pai, e rica, muito rica.

Um jovem da corte, que nunca soube o que era trabalhar, mimado, requintado, sofisticado, e que vê o seu mundo desmoronar ao se descobrir órfão e pobre. Tão alienado aos bens materiais, que ao receber a notícia do suicídio do pai e da sua falência, não dá a menor importância para a segunda “E o que tem isso! Onde está meu pai, meu pai?” (BALZAC, 2006, p. 95). Esse é Carlos, um jovem delicado que desperta o amor da protagonista, mas que é obrigado a se adaptar ao mundo em que vive. Um homem que é influenciado pelo meio em que vive. Volta das Índias bem diferente de como partiu, “[...] seu coração esfriou, contraiu-se, secou. O sangue dos Grandets não renegou seu destino. Carlos tornou-se duro, ganancioso. Vendeu chineses, negros, ninhos de andorinhas, crianças, artistas; praticou usura em grande estilo.” (2006, p. 199). Após esnober Eugênia, preterindo uma jovem rica e feia como sua noiva, tem a seguinte reação ao tomar consciência da fortuna da prima “Carlos olhou boquiaberto para o juiz. – Dezesete... mil...” (2006, p. 216).

A Sra. Grandet é uma figura fraca, que cria a filha seguindo os preceitos cristãos, sem ambições, sem vícios. Aceita de bom grado os desmandos do marido, e se submete a sua tirania. Nas palavras de Balzac (2006, p. 41), “uma daquelas mulheres que parecem feitas para ser tiranizadas”. No episódio do romance de Eugênia com Carlos fica ao lado da filha, e acaba por adoecer de tristeza pela atitude do marido, e como forma de tentar reconcilia-los. Acaba por exercer uma influência sobre a filha, pois é esse o exemplo que ela tem de mulher – submissa, sofrida, resignada.

Nanon é a empregada da família Grandet. Mulher forte, nascida para a lida, é muito fiel à família que lhe acolheu quando ela não tinha mais a quem recorrer. Nanon “defendia, como cão fiel, os bens do patrão; enfim, confiando cegamente nele, atendia sem murmurar a todas as suas fantasias mais esquisitas.” (BALZAC, 2006, p. 37). Além de ser o cão de guarda do Sr. Grandet, Nanon torna-se a grande protetora de Eugênia. Ajuda a jovem com os preparativos para a chegada de Carlos, dá cobertura para o seu namoro com o jovem, e é solidária nos tristes e longos dias difíceis que rondam a casa dos Grandet durante a doença e falecimento da Sra. Grandet. Após a morte do toneleiro, torna-se a única pessoa a ter contato com Eugênia. Durante os longos anos em que viveu com o patrão aprendeu a economizar e a investir o seu dinheiro, por isso no final do livro consegue um bom casamento e algum status social, sem deixar de cuidar e proteger Eugênia.

Há ainda na obra de Balzac seis personagens coadjuvantes, mas que são importantes para definir que sociedade é essa em que se passa a trama. Sozinhos esses personagens não têm importância, mas atuando em conjunto formam a sociedade preconceituosa, interesseira, fofoqueira da França do século XIX – são os Des Grassins e os Cruchots. A família Des Grassins é composta do banqueiro, mais esposa e filho, o belo jovem Adolphe. O jovem acaba caindo em desgraça quando o pai parte para Paris para cuidar da massa falida do pai de Carlos e acaba por não voltar. Abandonados pelo marido e pai, acabam sendo preteridos pelo convívio dos Cruchots. A segunda família é composta do tabelião de Saumur, Sr. Cruchots, do seu irmão, o padre Cruchots, e do seu filho, o juiz presidente do tribunal de primeira instância de Saumur, Sr. Cruchots de Bonfons, que mais tarde torna-se o esposo de Eugênia. Nessa passagem na trama fica bem explícita que comunidade é essa a de Saumur, e quem são os seus representantes: “[...] ao fim de dois meses foi impossível esconder dos três Cruchots e da Sra Des Grassins o segredo da reclusão de Eugênia [...] toda a cidade ficou sabendo que, desde o dia do ano-novo, a Srta. Grandet estava trancada no quarto, a pão e água e sem fogo, por ordem do pai.” (BALZAC, 2006, p. 174).

4 Balzac fazendo escola: grandes tristes mulheres

Ao ler a obra *Eugênia Grandet*, lembrei-me de duas outras personagens da literatura universal, duas mulheres fortes, que perdem a sua ingenuidade ao serem moldadas na sociedade em que vivem. A tristeza que cerca a trajetória das três me motivou nesse estudo, visto que a história de Eugênia é bastante parecida com a história de Emma e Aurélia. Com esse capítulo pretendemos demonstrar a importância da obra de Balzac, um escritor que viveu em pleno romantismo mas que tem uma obra que ultrapassa os limites impostos por qualquer escola literária e que inspirou outros autores – românticos e realistas – na criação de grandes tristes mulheres.

Pode-se dizer que Balzac inaugura uma dinastia de fortes mulheres na literatura. Mulheres que são moldadas pela sociedade em que se encontram. Aurélia e Emma são discípulas diretas de Eugênia. Eugênia, protagonista da obra homônima, é a precursora das mulheres criadas mais tarde por Flaubert e José de Alencar, também protagonistas de seus romances. Eugênia é uma jovem doce que no decorrer da obra deixa de ser Eugênia para se tornar uma Grandet, deixando seus sonhos e desejos para se tornar o que sua herança sanguínea dita ser. Assim como ela, que tem toda a sua trajetória marcada pelo nome do pai, Emma toma o nome do marido, Bovary, e no decorrer do livro há uma fraca tentativa de se tornar a Sra. Bovary. Mas Emma não quer deixar de ser Emma, e a repulsa ao esposo, Carlos, só aumenta, reflexo da sua sede insaciável. Aqui Emma, ao tornar-se uma Bovary, parece que tem sua inquietude amplificada. A menina que queria tudo se torna a mulher que

tem tudo, sem ter nada, e é essa a sua ruína. Com Aurélia não é diferente. Desprezada por seu amado, Seixas, ela volta rica e poderosa, dominando e subjugando seu antigo amor. Aurélia deixa de ser a meiga e doce jovem para se transformar na Senhora proprietária de seu esposo, e só passa a ser tratada assim por ele. Como em um bom romance romântico, no final os amados se acertam, e ela volta a ser a doce Aurélia. A mesma sorte não tiveram Eugênia e Emma.

Balzac também é visionário ao fazer com que sua heroína compre a liberdade do amado. Eugênia, mesmo desprezada por Carlos, ao saber que ele terá sua vida afetada pela falência do pai, não mede esforços e quita toda a sua dívida, libertando o amado para casar-se com uma rica herdeira. De forma parecida Aurélia, ao tornar-se rica e influente, compra a liberdade do amado Seixas, mas como uma forma de vingança por ter sido desprezada no passado, trocada por uma jovem herdeira da sociedade carioca. Na obra de José de Alencar não há a compra para libertar o seu amado, como no caso da obra de Balzac, e sim como uma forma de prendê-lo, desprezá-lo, humilhá-lo. Em *Madame Bovary* o fator financeiro também se encontra, pois é através da sua ruína financeira que há a derrocada moral de Emma. Para sustentar suas extravagâncias, seus caprichos, e numa tentativa de aplacar a sua insatisfação, ela se endivida cada vez mais chegando a vender propriedades de seu marido, e fica nas mãos do agiota, Sr. Lheureux. Todas são mulheres que se vem obrigadas e lidar com as finanças – Eugênia herda a fortuna do pai, Aurélia de um parente distante, e Emma é quem cuida das finanças da casa, visto que o marido não tem competência para tanto – e é através do dinheiro que elas têm suas trajetórias de vida alteradas – Eugênia perde o amado e sua identidade por causa da herança do avarento Sr. Grandet, Emma perde tudo e arruína a família em dívidas, e Aurélia busca a vingança, mas tem tempo de se redimir e consegue o amor de Seixas de volta.

5 Conclusão

Eugênia Grandet é uma obra precursora do Realismo. Balzac fala dos acontecimentos, da vida em sociedade do seu tempo. Tempo e espaço são elementos que se destacam no texto, pela sua riqueza de descrição e detalhamento. As personagens são determinadas pelo local e pela época em que vivem, e seu destino está diretamente relacionado à sua família, sua linhagem. A obra de Balzac é de fundamental importância, pois ela lança as bases do que viria a ser o Realismo, trazendo suas características estruturais e suas discussões filosóficas. Influenciando os mais diversos autores, como Gustave Flaubert, pai do realismo, e José de Alencar, autor romântico brasileiro, Balzac tornou-se referência, produzindo uma obra de uma atualidade incontestável, e com isso gravou o seu nome no Cânone.

Referências

- ALENCAR, José de. Senhora. Porto Alegre: Klick, 1997.
- BALZAC, Honoré de. Eugénie Grandet. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARPEAUX, Otto Maria. História da literatura ocidental. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982. v.6.
- CONSOLARO, Hélio. Realismo – Naturalismo. Disponível em:
<<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/realismo>>.
Acesso em: 15 mar. 2009.
- D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 2007.
- FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary. São Paulo: Círculo do livro, [s.d.].
- ORLANDI, Enzo (Org.). Gigantes da literatura universal: Balzac. Lisboa: Verbo, 1972.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. Dicionário de teoria narrativa. São Paulo: Ática, 1988.
- SCHILLING, Voltaire. Balzac: o escritor fábrica. Disponível em:
<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/balzac.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2009.